

# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

## TRABALHO E GÊNERO NAS OBRAS DE ROSA ESTER ROSSINI

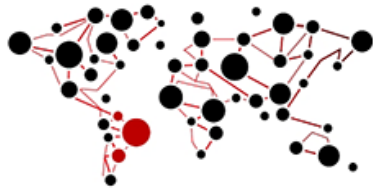
CAMILA GOMES ALVES<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho busca apresentar uma análise crítica sobre os estudos da geógrafa Rosa Ester Rossini que abordam a temática de gênero na Geografia, sobretudo, os que tratam da divisão sexual e espacial do trabalho e da subordinação feminina. O objeto de estudo são os artigos da autora associados à produção e reprodução do espaço com a questão de gênero. Rossini apresenta uma perspectiva marxista sobre a Geografia e gênero, a qual as mulheres exercem funções indispensáveis para a produção e reprodução da força de trabalho, garantindo a reprodução e acumulação do capital. Assim, de acordo com a geógrafa, para entender a dinâmica da produção e reprodução do trabalho da mulher é importante associá-la ao espaço geográfico, uma vez que a divisão social e espacial do trabalho implica em divisão sexual do trabalho. Desta forma, a partir da obra de Rossini, busca-se refletir espacialmente os papéis sociais exercidos por homens e mulheres e no interior das relações de trabalho, temática diretamente associada aos estudos relacionados ao gênero na Geografia. Sobre este tema, a geógrafa é considerada uma das pioneiras no Brasil. Rossini é professora livre-docente da USP e coordenadora do grupo de pesquisa “As Geografias da Modernidade: Geografia e Gênero – Família e trabalho. Sua tese de livre-docência intitulada “Geografia e gênero: A mulher na lavoura canavieira paulista”, defendida em 1988, abordou o aumento da participação da mulher na força de trabalho no campo, verificando entre outros aspectos, como era a sobrevivência de famílias, nas quais pelo menos uma mulher, empregava a sua força de trabalho na agricultura canavieira do Estado de São Paulo. Compreende-se também, que os estudos da família estavam atrelados à estrutura patriarcal. Porém, com o aumento da participação da mulher na força de trabalho, assiste-se também ao aumento de “mulheres cabeças da família”. E na medida em que a mulher está sendo inserida na produção altamente capitalizada, que caracteriza a monocultura canavieira e que passa a ser absorvida como mão de obra individualizada e assalariada, são geradas modificações no caráter do trabalho desempenhado por ela, que começa a se ver como trabalhadora e não mais como elemento que “ajuda” no trabalho familiar, desencadeando consequências imediatas em nível da organização familiar. Neste momento surge o prenúncio da mudança do papel da mulher no trabalho e na sociedade. Com objetivo de contextualizar a obra da autora, a primeira parte deste trabalho apresenta no tempo e no espaço, a produção intelectual de

---

<sup>1</sup> Acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail de contato: camilagomes\_alves@yahoo.com.br



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

Rossini sobre Geografia e gênero e, sobretudo, a divisão social e sexual do trabalho feminino e a exploração da força de trabalho da mulher. Estudos como “A Mulher como força de trabalho no campo” e “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura” serão discutidos, e aprofundadas as principais temáticas e caminhos teóricos-metodológicos desenvolvidos pela autora, a fim de compreender e detalhar como a autora aborda as discriminações e desigualdades entre homens e mulheres na esfera do trabalho, assim como as relações sociais que se estabelecem na produção e reprodução do espaço.

**Palavras-chave:** Força de trabalho feminina; Divisão sexual do trabalho; Geografia e gênero; Rosa Ester Rossini

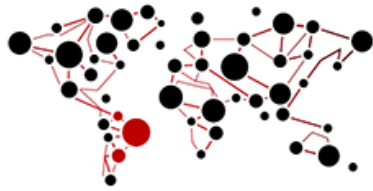
## 1- Introdução

A Geografia brasileira apesar de já estar consolidando grupos que estudam a questão de gênero e sexualidade, ainda tem dado pouca atenção à dimensão espacial destas temáticas, sendo assim geógrafas e os geógrafos que fazem diálogos com as bases das Geografias feministas vem contribuindo com a análise e compreensão do espaço a partir da categoria de gênero.

O objetivo principal deste trabalho é recuperar e discutir as contribuições de uma grande geógrafa e intelectual, Rosa Ester Rossini para a Historiografia da Geografia brasileira e para o desenvolvimento do campo científico da ciência geográfica no Brasil, através de um estudo biográfico associado à análise de sua produção intelectual e trajetória espacial, destacando a sua importante contribuição teórica, sobretudo, a divisão social e sexual do trabalho feminino e a exploração da força de trabalho da mulher, ampliando a discussões sobre gênero no campo geográfico brasileiro.

No Brasil muitas pesquisadoras já demonstravam preocupação pela temática feminista e alguns estudos, principalmente na década de 1980, ponderavam sobre mulher e trabalho e igualdade social entre os sexos.

A geógrafa Rosa Ester Rossini, foi uma das pioneiras dos estudos de gênero no Brasil, desenvolvendo sua tese de livre-docência com o título “As mulheres na lavoura canavieira paulista” em 1988, pela Universidade de São Paulo (USP). A



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

trajetória profissional da geógrafa tem também como principais campos de investigação a Geografia Agrária e Geografia da População, mas sua atuação nos temas de gênero é particularmente inovadora, sobretudo em estudos que conferem a divisão sexual e espacial do trabalho e subordinação feminina. Rossini apresenta uma perspectiva Marxista sobre a Geografia e gênero, o qual as mulheres exercem funções indispensáveis para a produção e reprodução da força de trabalho, garantindo a reprodução do capital.

Rosa Ester Rossini possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1964), Mestrado em Geografia (Geografia Humana) (1971), Doutorado em Geografia (Geografia Humana) (1975), Livre-Docência em Geografia da População (1988) e é Professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desde 1971 e Titular desde 1991.

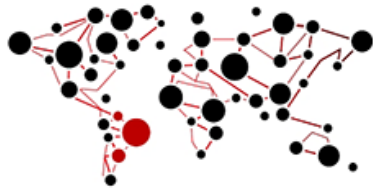
No campo Geografia da População, a geógrafa participou como membro efetiva por duas gestões da Comissão de Geografia da População da União Geográfica Internacional – UGI, entre 1980-1984 e 1984-1988, indicada pela geógrafa Elza Keller.

Em função da vinculação com a Comissão de Geografia da População participou da criação do Grupo de Trabalho da UGI sobre Geografia e Gênero, que possibilitou novas abordagens na construção de uma Geografia feminista, visto que a mulher até o momento não era uma categoria de análise na ciência Geográfica.

Em 1977, Rossini iniciou sua primeira pesquisa sobre a realidade das mulheres trabalhadoras da cana-de-açúcar.

Desde 1985, participou como uma das fundadoras do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE), grupo de docentes e pesquisadoras da Universidade de São Paulo, que visa aprofundar-se, através de pesquisa empírica e estudos teóricos, as articulações entre gênero, etnia e classe social, especialmente no Brasil e na América Latina.

Em 1988, Rosa Ester Rossini defendeu sua tese de Livre-Docência intitulada “Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista”. Participaram da



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

banca os professores José Ribeiro de Araújo Filho (presidente), Milton Almeida dos Santos, Manuel Correia de Andrade, Antonio Olívio Ceron e Lêda Maria Pereira Rodrigues.

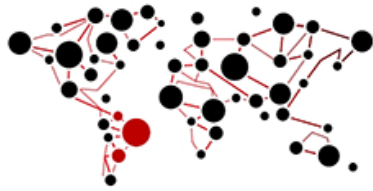
Pesquisou também, sobre relações de trabalho das operárias da indústria têxtil em São Paulo e nos anos de 1990, sem abandonar a temática do trabalho, introduziu novos temas como as questões urbanas, a saúde, os movimentos migratórios e os direitos reprodutivos.

Doutora "Honoris Causa" pela Universidade Estadual do Ceará em 2015; Doutora "Honoris Causa" pela Universidade Federal do Piauí em 2015, a autora em questão é de grande prestígio e relevância para a ciência geográfica brasileira.

Este trabalho em termos de metodologia tem como proposta apresentar e desenvolver uma análise relacionada à produção intelectual da Rosa Ester Rossini, sobre trabalho e gênero na Geografia. Sendo assim, a fim de compreender e detalhar como a autora aborda as discriminações e desigualdades entre homens e mulheres na esfera do trabalho, a primeira parte deste trabalho irá se limitar a apresentar e discutir o artigo “Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo” e a segunda parte, estudos relacionados ao artigo “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura. O exemplo da macro-área de ribeirão preto-sp (1977-2006)”.

## **2- Considerações sobre “Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo na área de Ribeirão Preto, em 1977 e 1986”**

No artigo proposto a geógrafa Rosa Ester Rossini aponta que o conceito de gênero é bastante recente nas ciências sociais e diz respeito à dimensão socialmente construída do feminino e do masculino. O objeto da ciência geográfica é, em primeiro lugar, o espaço. Assim, Rossini procurou trabalhar o tema de forma a demonstrar como a mulher, através de seu trabalho, produz e reproduz o espaço.



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

A concentração de terras, a modernização e mecanização da agricultura, a quase eliminação do residente rural e a contratação temporária da mão de obra rural passaram a ser o traço dessa nova produção do espaço, baseada na agroindústria.

Para se compreender melhor a problemática do trabalho feminino é preciso compreender as relações de trabalho e a organização familiar para garantir a sobrevivência do grupo.

A transformação do colono em mão de obra assalariada vai mudar substancialmente a organização específica da família, pois nessa nova estruturação os membros recebem um salário individual. Mulher, família e trabalho doméstico, que inclui educação e cuidado com os filhos, aparecem, então, como elementos essenciais para a reprodução cotidiana e gerencial da força de trabalho<sup>2</sup>.

A organização da família sofre pequenas alterações com a inserção da mulher como força de trabalho assalariada, pois não é mais o "chefe da família" que determina a atividade a ser desenvolvida pelos componentes da unidade familiar, mas cada um se organiza em função das oportunidades individuais. A subordinação da mulher ao homem, porém, continua<sup>3</sup>. Há certa unidade no que tange à soma das "rendas" para garantia da sobrevivência.

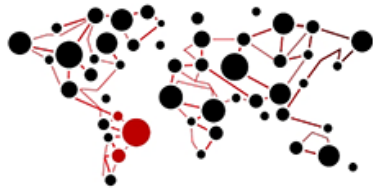
Porém, ao mesmo tempo em que a participação da mulher na força de trabalho aumenta, observa-se também o aumento de mulheres chefiando a família.

De acordo com o artigo, em 1977 e 1986, período pesquisado, a participação da mulher como força de trabalho na área canavieira do Estado de São Paulo aumentou consideravelmente, exercendo um papel importante na renda familiar. A mulher passa a ser mão de obra individualizada e assalariada na produção altamente capitalizada da monocultura canavieira e não mais como elemento de "ajuda" na organização familiar, porém mesmo com a inserção da mulher como força de trabalho assalariada, as responsabilidades aumentaram e a mulher passa a executar uma dupla jornada de trabalho, no campo e o trabalho doméstico não remunerado, como o cuidado com a casa e os filhos.

---

<sup>2</sup> (BARROSO, 1982)

<sup>3</sup> (ROSSINI, 1988)



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

Outra tendência importante a ressaltar é a diminuição da participação nas atividades ligadas à agricultura, tendência esta justificada pelo avanço da modernização no campo, no seu sentido mais amplo, o que gerou a migração de trabalhadores/as para a cidade, porém o urbano não está tendo capacidade de dar ocupação a toda mão de obra migrante do setor rural. Logo o mercado informal parece ser a saída para a família sobreviver em condições de grande pobreza. Agora a renda da família passa a advir tanto do trabalho no campo, como dos ganhos provenientes de atividades urbanas.

Para garantir a manutenção da família na área rural, homens, mulheres e crianças, foram chamados ao trabalho assalariado, permanente ou temporário.

Rossini também ressalta que a implantação da legislação do/a trabalhador/a rural assegurou descanso semanal remunerado, férias proporcionais, aposentadoria por tempo de serviço, aposentadoria por invalidez e pagamento de 90 dias de "repouso" para a gestante. O Estatuto do Trabalhador Rural estabeleceu a trabalhadora o direito de faltar seis semanas antes e seis após o parto, sem prejuízo da remuneração. Por sua vez, essa medida ampliou a contratação informal de trabalhadoras, isto é sem vínculos empregatícios, logo o trabalho informal das trabalhadoras rurais dificulta a organização das mulheres como categoria profissional<sup>4</sup>.

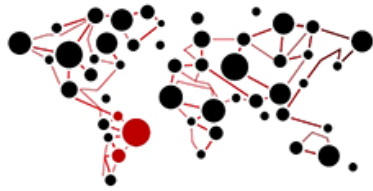
Durante todo o ano nas atividades canavieiras, como adubação, plantio, corte, capina, entre outros, um elevado número de trabalhadoras são registradas na qualidade de assalariadas permanentes ou temporárias. É bastante variável o número de trabalhadoras ao longo do ano.

No período compreendido entre o preparo do solo para o plantio até a colheita da cana-de-açúcar há um aumento do número de trabalhadoras, mas são menores, se comparadas ao número de homens.

O aumento da força de trabalho feminina na safra da cana acarreta uma diminuição das trabalhadoras nas cidades que exerciam funções de empregadas domésticas, lavadeiras, faxineiras, entre outras.

---

<sup>4</sup> (PAULILO, 1976).



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

Na produção canavieira, enquanto a atividade não é mecanizada, a tarefa de fazer a primeira adubação, o plantio sempre foi considerada feminina. São tarefas desempenhadas predominantemente pelas mulheres, como uma verdadeira relação histórica, em relação à divisão sexual do trabalho.

Nesse sentido, o papel da mulher no setor rural está em constante evolução. A participação feminina ganhou grandes proporções, entretanto as mulheres ainda são consideradas invisíveis à sociedade, quanto à forma de remuneração, as condições e relações de trabalho que compreendem a exploração da mão de obra feminina, característica do processo de objetivação do capitalismo.

### 3- “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura”

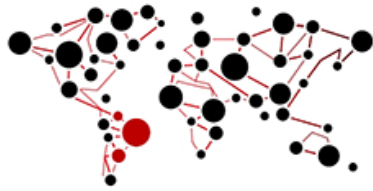
Considerando o artigo da Rosa Ester Rossini “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura. O exemplo da macro-área de Ribeirão Preto-SP, 1977-2006”, trata-se de um olhar específico sobre as condições de vida das famílias e seus principais desafios na agricultura canavieira, no final dos anos 1970 em diante.

O desenvolvimento técnico científico e informacional no Brasil, sobretudo no Estado de São Paulo, a partir da década de 1960 intensificou o processo de urbanização de modo que a população rural foi diminuindo gradativamente. Por sua vez, a migração pendular e a residência urbana em áreas periféricas da cidade, áreas mais econômicas, também se intensificaram.

No entanto, a intensificação das relações capitalistas na agricultura, o que levou o deslocamento da família, trabalhadores/as rurais, do campo para a cidade, não desvinculou essa população da atividade agrícola.

Assim, a proposta da autora Rosa Ester Rossini foi de verificar e apresentar, entre outros aspectos, como era a sobrevivência dessas famílias, onde, pelo menos, uma mulher na casa, empregava sua força de trabalho na agricultura canavieira.

O cuidado com as crianças, o trabalho da casa, dentro de uma divisão sexual do trabalho era, historicamente realizado pelas mulheres. Atualmente na organização da família o homem passa a colaborar com as atividades da casa, já



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

que o trabalho fora do lar se fez necessário para ambos, porém para as mulheres a dupla jornada e o sobretrabalho são substanciais.

Na organização da unidade familiar um elemento importante a destacar é a diminuição do número de pessoas por família, a partir de 1970. A mudança ocorreu devido à disseminação do uso de anticoncepcionais gerados pelo engajamento da mulher como força de trabalho assalariada nas atividades agrícolas, bem como a dupla jornada de afazeres a qual estão sujeitas, a falta de creches que funcionem em horários compatíveis com as horas de trabalho e a migração precoce dos membros da família para a cidade.

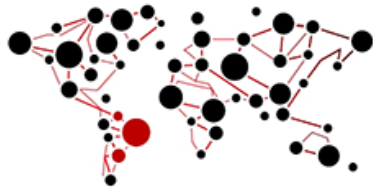
A escolarização do/a trabalhador/a rural cresceu consideravelmente e com a ausência de cursos profissionalizantes no período noturno, ligados a atividade agrícola, também contribuem para a saída dos/as trabalhadores/as para as cidades. Em alguns casos, após a conclusão do Ensino Médio homens e mulheres voltam a ser volantes.

O percentual de analfabetos, também elevou. Isso, sem considerar o analfabetismo funcional, já que apenas a frequência à escola não garante a contrapartida do conhecimento equivalente ao grau de escolarização.

As mudanças estabelecidas pela reestruturação produtiva geraram alterações na força de trabalho rural, exigindo preparos técnicos, que por sua vez não são alcançados pelos/as trabalhadores/as, mesmo com o acesso à escola pública. Deste modo, são poucas as pessoas que conseguem se tornar trabalhadores/as operadores/as de máquinas sofisticadas, cada vez mais comuns no campo brasileiro, particularmente, nas áreas de produção de cana-de-açúcar do Centro-Sul do país.

Quanto à relação de trabalho, em sua maioria, deixou de ser patrão/empregado. A terceirização assume cada vez mais o papel de destaque. Mulheres e homens são recrutados para o trabalho por produtividade, sem discriminação em relação à remuneração, pois o rendimento diário depende da capacidade e habilidade individual dos/as trabalhadores/as. É muito comum homens e mulheres serem roubados pelo responsável em realizar a avaliação e controle da





# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

quantidade de cana cortada ao final de cada dia de trabalho. Porém, apesar de não haver no discurso, discriminação entre o trabalho das mulheres e dos homens, essas em geral recebem menos, quando contratadas por salário.

A jornada de trabalho é mais longa na produção da cana do que na cidade, sem contar com o deslocamento dos/as trabalhadores/as. Mas, de acordo com Rossini percebe-se claramente uma evolução na vida e no discurso dos/as trabalhadores/as, em relação às condições de trabalho na produção da cana-de-açúcar, como a melhoria no transporte, alimentação comprada ou servida pela empresa contratante e as necessidades fisiológicas são feitas em banheiros apropriados ao invés de no “mato”.

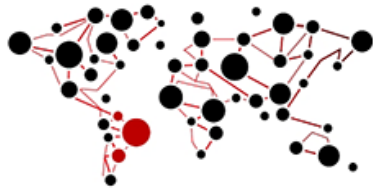
Em relação à dupla jornada, após um longo dia de trabalho na cana, verifica-se que a mulher continua sem descanso, tendo que realizar o trabalho doméstico, não remunerado que passou a ser considerado secundário, e realizado nas horas extremas, pois é indispensável para a reprodução da família.

Assim, compreende-se que existe todo um conjunto de atividades que interferem na qualidade de vida, na manutenção e na reprodução da força de trabalho na produção canavieira. Não é só do salário que vive a família, mas há outros recursos que contribuem para determinar a qualidade de vida, como os serviços públicos e sociais, e a produção doméstica de bens e serviços, entre outros.

## 4- Considerações finais

Em síntese, a geógrafa Rosa Ester Rossini apresentou reflexões sobre o conceito de gênero sob a perspectiva geográfica, principalmente a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, especialmente na atividade canavieira, como mão de obra assalariada. Analisou a condição de vida daqueles/as que constituem parte da força de trabalho na monocultura da cana sob a ótica do capital.

Segundo a autora o papel da família, da mulher e do homem no trabalho agrícola, sobretudo na atividade canavieira tem sofrido profundas transformações de



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

ordem técnica e os seus impactos sociais têm sido enormes. A atividade se torna rara a cada dia, devido à mecanização intensa na agricultura. Há permanente perda de ocupação tanto para os homens como para as mulheres. Trabalhadores/as lutam pela sobrevivência procurando manter o trabalho durante todo o ano. As relações de trabalho são profundamente alteradas e a terceirização das atividades é evidente.

As mudanças foram significativas, a exemplo: o aumento do número de trabalhadores/as na família, a crescente procura de participação da mulher na força de trabalho no campo, a queda no número de filhos, maior escolarização, o aumento de desemprego/desocupação para homens e mulheres propiciada pela mecanização e também a “masculinização” na agricultura moderna, pois prioritariamente, apenas homens operam máquinas sofisticadas como colheitadeiras, tratores e caminhões. É inexpressível o número de mulheres operadoras de máquinas no campo.

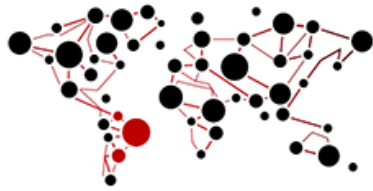
No que se refere às condições de trabalho foi verificado que as mulheres do corte manual da cana-de-açúcar recebem baixos salários em relação aos homens, mesmo realizando funções similares, sem falar na existência da dupla jornada de trabalho e ao conflito interno por deixar os filhos sob o cuidado de outros para garantir o trabalho remunerado e o sustento da família.

Por sua vez, ficou em evidência a capacidade de enfrentar os desafios e de lutar pela melhoria da qualidade de vida. As novas possibilidades de força de trabalho surgem, com a melhoria da escolarização e do aperfeiçoamento técnico, permitindo às mulheres e aos homens o desempenho de novas funções no mercado de trabalho.

## 5- Referências bibliográficas

ANTUNIASSI, Maria Helena R. O trabalho familiar da agricultura paulista. Botucatu, UNESP/FCA, 1983. (Dissertação de Livre-Docência).

BARROSO, Carmem. Mulher, sociedade e estado no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

BRUSCHINI, C. Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro: O Trabalho da Mulher nos Anos Oitenta. IN: Fernandes, Reynaldo (org.). O Trabalho no Brasil no Limiar do Século XXI, São Paulo: editora LTr, 1995.

CALIO, S. A. Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à geografia urbana. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, (Tese de doutorado), 1991.

COSTA, A. O. e BRUSCHINI, C. (orgs.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

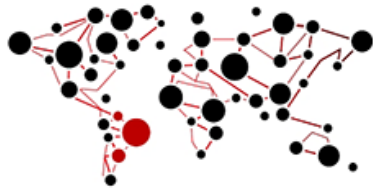
HIRATA, H. e KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão. IN: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C. e HIRATA, H. (orgs.). Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

HIRATA, H. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

KARSTCHEVSHY, A. et al. O sexo do trabalho. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.

MIELI, Neide. A mulher na palha da cana, São Paulo. João Pessoa, UFPB, 1985. (Dissertação de mestrado).

PAULINO, Maria I. S. **O trabalho da mulher no meio rural**. Piracicaba, ESALQ, 1976. 145p. (Dissertação de mestrado).



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

POSTHUMA, A. C.; LOMBARDI, M. E. 1997. Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 11, nº 1, pp. 124-131, jan-mar, 1997.

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista. São Paulo, USP/FFLCH, s.d. (Tese de Livre-Docência), 1988.

\_\_\_\_\_. A Mulher como força de trabalho na agricultura da cana – Estado de São Paulo. **Boletim de Geografia Teorética**, v. 22, n. 43 44, p. 295305, 1992.

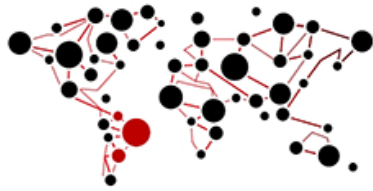
\_\_\_\_\_. Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo. **Informações econômicas**, p. 41 52, 1993.

\_\_\_\_\_. “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura: o exemplo da macro-área de Ribeirão Preto (SP) 1977-2006”. In: **Anais do Encontro Nacional da ABEP**, Caxambu, MG. 2006.

\_\_\_\_\_. Mulher, Família e Meio Ambiente. O trabalho da mulher na agricultura canavieira do Estado de São Paulo (Brasil). In: **Mulher e meio ambiente**. Maceió: EDUFAL, 1994. v. 1, p. 15-40.

\_\_\_\_\_. Geografia e gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro área de Ribeirão Preto. São Paulo – Brasil, 1977 – 2008. **Revista Latino americana de Geografia e Gênero**, v. 1, p. 121 133, 2010.7.

ROSSINI, Rosa Ester. Superando a discriminação: mulher e trabalho na modernidade tecnológica no Brasil. In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). **Populações: (Con)vivência e (In)tolerância**. São Paulo: Editora da USP, 2004, p. 245 257.



# XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:  
produção, circulação e apropriação do conhecimento  
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

ROSSINI, Rosa Ester. A luta das mulheres brasileiras por igualdade, equidade de gênero e cidadania. In: COVA, Anne; RAMOS, Natália; JOAQUIM, Teresa (Org). **Desafios da Comparação. Família, Mulheres e Gênero em Portugal e no Brasil.** OeirasPortugal: Portugal: Celta, 2004, p. 17 32.

ROSSINI, Rosa Ester. O trabalho da mulher na indústria canavieira altamente tecnificada e capitalizada São Paulo Brasil. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo.** Buenos Aires e São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales y Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 225 242.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Hucitec, São Paulo, 1996.

WAJNMAN, S.; Perpétuo, I. H. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Nova Economia**, vol. 7, nº 1, maio de 1997. Belo Horizonte. Brasil, pp. 123-147, 1997.

WAJNMAN, S.; Queiroz, B. L; Liberato, U.C. **O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil** in XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População: Globalização e Exclusão. ABEP - Caxambú - Minas Gerais, pp. 2429-2454, 1998.